



www.enaphem.com



Historicizando concepções sobre escola a partir de narrativas de professores de Matemática

Historicizing conceptions about school from Mathematics teachers' narratives

Carla Regina Mariano da Silva¹

Resumo

Este texto tem como objetivo problematizar os modos como o conceito de escola tem sido operado por professores de matemática. Esta proposta se justifica ao contribuir com a construção histórica do conceito de escola a partir da visão dos sujeitos que a habitam. A discussão aqui proposta toma como base narrativas produzidas em uma pesquisa de mestrado sob orientação da autora. Para isso realizou-se a leitura de 12 entrevistas, de 12 professores de 12 escolas de diferentes regiões do estado de Mato Grosso do Sul. Como resultado, é possível afirmar que para os entrevistados por Daniel (2022), a escola tem o papel de ampliar os horizontes dos que a frequentam, de garantir o futuro, além de retirar os estudantes de um padrão de alienação. No entanto, o tom como essas perspectivas são narradas parecem se referir a uma escola desejada e não a uma escola efetiva.

Palavras-chave: Concepções sobre Escola; Narrativas docentes; Professores de Matemática.

Introdução

Os estudos sobre a instituição escolar são tão antigos quanto a sua própria criação. A preocupação sobre como ensinar ou como transmitir conhecimentos parece estar no cerne da nossa história, de maneira geral, e mais especificamente da História da matemática mesmo antes de se ter qualquer indício de escolas tal qual conhecemos. Miorim (1998), por exemplo, identifica no tempo antigo, fontes egípcias e mesopotâmicas relativas ao ensino da matemática por meio de situações problemas. Seria anacrônico indicar como um início do que conhecemos hoje por escola ou até mesmo por ensino, mas o que essa discussão nos permite afirmar é

¹ Doutora em Educação Matemática. Professora do Instituto de Matemática da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Grupo de Pesquisa: História da Educação Matemática em Pesquisa – HEMEP. carla.silva@ufms.br.

que desde que surgem os primeiros registros escritos sobre matemática, é possível identificar as preocupações sobre como divulgar tal conhecimento.

A escola tal qual conhecemos se estabelece no século XX, ainda que os modos operados nessa instituição foram mudando e se ajustando a sociedade de cada época. Dussel e Caruso (2003), apontam o final da idade média como uma pré-história da Escola, tendo a religião um papel importante no que podemos creditar como seu nascimento. Nos tempos da revolução industrial, têm-se registros do crescimento dessa instituição que tinha a disciplina como sua base. Mas é no século XX, a partir do aperfeiçoamento das táticas de controle e regulação que temos seu estabelecimento.

Mesmo sendo possível identificar alguns pontos que se repetem, o contexto escolar é historicamente composto por vários atores que juntos produzem um tipo específico de escola ou universidade tornando cada instituição única. É com base nessa premissa de unicidade que um projeto, intitulado: *Narrativas de professores que ensinam matemática: formação e atuação*, tem sido desenvolvido na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul com o objetivo de identificar práticas docentes a partir da constituição de narrativas com vista no repensar do cotidiano escolar e universitário. Neste texto traremos resultados finais de uma das pesquisas que estão sendo desenvolvidas nesse projeto. Desse modo, este texto se utiliza das narrativas produzidas nessa pesquisa e busca problematizar os modos como o conceito de escola tem sido operado por professores de matemática. Essa proposta se justifica ao contribuir com a construção histórica do conceito de escola.

Devaneios sobre a escola hoje

Em o Admirável Mundo Novo vemos uma sociedade futurista onde cada indivíduo passa por uma série de controles para que a ordem seja mantida e as leis sejam cumpridas. Da fiscalização psicológica até a biológica, as relações entre os indivíduos passam por determinismos que incluem a proibição do sexo para a reprodução, já que essa somente pode acontecer de forma controlada, em laboratórios. Isso se dá para que seja possível manipular a geração de cada indivíduo de modo a formar grupos que nasçam com características próprias. Há aqueles que nascem para serem operários, outros para serem intelectuais, tudo

controlado em laboratórios para que nada abale o sistema de casta que serve para eliminar qualquer senso de individualidade ou criticidade. No desenrolar do livro, vemos um indivíduo que devido a um erro em sua concepção, começa a questionar o sistema. Apesar de ficção, o livro nos permite traçar paralelos com o mundo em que vivemos e com todo o controle sobre os indivíduos nas mais diversas formas.

Dentre os mecanismos de controle disciplinares discutidos por Foucault (2020), em Vigiar e Punir, a escola, para nós que nos debruçamos sobre pesquisas educacionais, tem sido uma instituição vista e discutida a partir de vários ângulos. Anúncios de que a escola está a serviço do capital (LAVALL, 2019), ou ainda de que ela é um aparelho de estado que busca organizar o espaço escolar de modo a garantir a melhor utilização do tempo possível, têm sido utilizados no meio acadêmico como uma profecia que alerta para a urgência de mudanças no sistema educacional. Pelo poder disciplinar é possível formar um aluno com habilidades para o mercado de trabalho, ou seja, você produz alguém para algum fim. É o Admirável Mundo Novo na realidade. A escola como um mecanismo disciplinar tem como objetivo produzir corpos dóceis. E nesse sentido, mesmo propostas ditas progressistas, que visam o ensino integral do aluno, por serem propostas inseridas em um sistema muito bem estabelecido, contribuem para o esquadramento do tempo livre do estudante: “pelo menos não está na rua”, diriam os mais conservadores.

É nesse processo e com esses argumentos que ocorre o convencimento das pessoas envolvidas de que isso é bom, e de que você está fazendo o bem para o estudante, ao dar a ele mais oportunidades. Poucos discordam desse modo de olhar e entender a escola. Mas esses corpos não estão lá inertes, recebendo os assujeitamentos sem se movimentar. Eles produzem movimentos que escapam dos poderes, produzem subversões. Estudá-las e explicitá-las pode ajudar a mostrar práticas de professores escapam das táticas², e criam estratégias de luta (e não de briga, pois esses dois conceitos são bem diferentes), de forma a não silenciar.

É importante ressaltar que não temos a intenção com isso de identificar exemplos exitosos em diferentes contextos escolares sem levar em conta as

² Táticas e estratégias utilizadas a partir de (CERTAU, 2005)

especificidades do local em que essas práticas acontecem. Muito menos desconsiderar o que discutimos anteriormente a respeito do caráter de produção de corpos dóceis, creditado a escola e apontado por alguns pesquisadores. É fato que a complexidade e diversidade do contexto escolar tornam qualquer análise micro inviável, mas por anos temos visto políticas públicas sendo gestadas levando em conta aspectos macros que dizem muito pouco sobre as reais necessidades locais.

Diante do cenário aqui discutido, o trabalho com narrativas de professores que ensinam matemática, tem sido um caminho de se produzir outros modos de pensamento uma vez que deslocamos o foco das pesquisas a ele vinculadas de estudos sobre a escola para estudos que partem da visão daqueles que a habitam. Optou-se ainda no projeto em questão buscar por questões (e não por respostas) que possam ampliar o horizonte do que se tem pensado sobre a escola e sobre as práticas dos docentes que lá estão. O que é a vida na escola? Como é o trabalho de um professor no interior da sala de aula? O que dizem alunos e professores ao serem questionados sobre suas práticas diárias? Que questões o fazem agir e reagir? O que é a vida numa escola, numa universidade? Como professores que ensinam matemática atuam na Educação de Jovens e adultos? Como eles agem diante de uma situação desafiadora como o trabalho no ensino remoto? Como eles entendem/são afetados pelas formações que lhe foram oferecidas?

A busca pelo micro, por aquilo que escapa a um primeiro olhar generalizado, perpassam pela manutenção das perguntas acima relatadas e pela busca dos efeitos e desdobramentos que ações de formação (ou a falta delas) têm ecoado na escola. Passa pelo olhar para sobre as experiências docentes como produções, como conhecimentos produzidos a partir de uma vida docente.

Historicamente temos utilizado o artigo definido “a” ao falar sobre escolas. A escola é assim, ou a escola deve ser assim, são enunciados comuns nos nossos discursos sempre com atitudes nobres: promover a melhoria do ensino e aprendizagem. Em oposição a isso, e tomando o par experiência/sentido³ em oposição a comum teoria e prática, podemos discutir modos de se produzir com o que nos cerca e reafirmar a importância do narrar, que torna explicitar esses

³ Essa discussão pode ser encontrada em Larrosa (2020), Tremores da Experiência.

sentidos produzidos a partir de encontros que chamamos aqui de entrevistas. Nossa aposta em ouvir o professor se fundamenta nessa noção de experiência.

Citaremos aqui um trabalho que se propôs a discutir a vida de professores a partir da composição de narrativas. O que motivou Reis (2020) no processo de pesquisa foi seu próprio caminhar docente e os desafios encontrados no início de carreira. Um primeiro enunciado utilizado quando se pensa nos problemas enfrentados pelo baixo interesse na carreira docente é a baixa remuneração recebida. No entanto, ao iniciar a carreira em um estado em que essa fala não faz tanto sentido, a felicidade em receber um salário razoável logo se contrasta com as dificuldades enfrentadas no cotidiano docente. Muito desse sentimento está atrelado a um ideário criado ainda na formação inicial, bem como na sociedade como um todo sobre o que é uma escola o que muitas vezes nada condiz com os modos como o contexto escolar está organizado. Para a autora,

(...) é interessante analisar que professores de Matemática podem estar criando seus próprios valores para viver dentro da escola, valores deste mundo, desta vida. Valores que produzem modos de vida outros que talvez não seja visto como relevantes, mas que permitem aos professores viverem sem transformar a vida (docente) em um fardo – modos de vida que, muitas vezes, eu percebia como morte em vida, morte severina. (Reis, 2020, p. 157-158)

A fala acima explicita uma das facetas do trabalho com narrativa que é o acesso ao contexto escolar pelos olhos daqueles que ali estão, produzindo uma escola, com especificidades e necessidades distintas de outras.

Produzindo micro histórias sobre escolas e práticas docentes

O trabalho com narrativas tem sido realizado no grupo HEMEP- História da Educação Matemática há algum tempo a partir da produção de narrativas em momentos de entrevistas. Uma das primícias do grupo ao qual a proponente deste projeto se filia é o entendimento da Metodologia de pesquisa como algo em movimento. Muitos foram os caminhos trilhados ao longo dos 10 anos pelo HEMEP. na produção de metodologias e na busca por teorias que melhor se adequassem a

composição realizada durante a investigação. Isso é um efeito da abertura para a seleção de novos autores e novos modos de pensar e fazer, desde que seja possível, a partir desses novos ancoradouros, a construção de uma coerência entre a metodologia utilizada e o tema a ser pesquisado. Algumas das permanências que podem ser encontradas nas pesquisas é o tratamento dado desde a produção de um roteiro de pesquisa até a análise dos dados. O roteiro tem sido pensado a partir de perguntas abertas que possibilitem aos entrevistados dar o tom da entrevista e falar sobre aquilo que ele se sentir confortável e nos ajuda, na análise, a olhar para esses aspectos ao investigar o como se narra, não se limitando assim, ao que é narrado. Com o roteiro em mãos, a busca pelo entrevistado se dá de inúmeras maneiras. Há momentos em que os próprios documentos indicam atores que participaram da história que se quer contar, ou ainda, a busca é feita a partir de conversas nas instituições a serem pesquisadas. Com um nome em mãos, entra-se em contato com o possível depoente, e negocia-se uma data e horário para o encontro no qual a entrevista será produzida. Depois de gravado áudio e/ou vídeo, a entrevista é transcrita literalmente e posteriormente editada, buscando tornar o texto oral mais próximo do texto escrito. A esse último processo dá-se o nome de textualização. Feita as devidas alterações, a narrativa é enviada ao entrevistado para que esse autorize seu uso e publicação via uma carta de cessão de direitos. Alguns desses processos acima descritos apesar de parecerem algo determinado a priori são construídos durante o caminhar da pesquisa.

O próprio conceito e os modos como a História Oral foi – e é – mobilizada nas mais diversas áreas não nos parece homogêneo, daí que o discurso dos oralistas também não se dá em uníssono. As justificativas empregadas ao se optar por trabalhar com a metodologia de História Oral são múltiplas, e têm-se transformado com o passar do tempo. No início, evocada para dar voz aos sujeitos excluídos, a História Oral podia ser vista como carregando, em seu cerne, certo ar benevolente e caridoso que se afastava do uso democratizante que acreditamos praticar hoje, no Grupo. (Garnica; Silva, 2019, p.147)

Esses autores ainda nos ajudam a problematizar os vários modos de se debruçar sobre entrevistas como fonte de pesquisa, mas o que diferencia as práticas daqueles que optam pela metodologia de História Oral é o entendimento da produção de dados e fontes históricas. Não há a história lá, esquecida na memória

que será reativada ou resgata no momento da entrevista. O que acreditamos acontecer no processo de entrevista é a produção de uma história daquele que vive e experiência ao seu próprio modo.

Com essa metodologia, a pesquisa de Daniel (2022, p. 31) tinha como objetivo “constituir narrativas em situações de entrevistas, deslocando o olhar e os questionamentos sobre a materialidade da escola para um olhar que busca percorrer as salas de aulas pela visão de professores.” A pesquisa construiu cenários sobre a Educação de Jovens e Adultos em Mato Grosso do Sul durante as duas primeiras décadas deste século, tendo como base, narrativas sobre as práticas cotidianas de professores em 12 escolas, das 12 regiões do estado.

Retomamos a leitura das 12 entrevistas produzidas buscando falas que trouxessem concepções sobre a escola, mais especificamente, sobre o cotidiano docente.

Minha relação com a escola não vem só da minha vivência como aluno nos primeiros anos da vida escolar, mas também de ver o trabalho dos meus pais no dia a dia, no preenchimento de diários e nas pesquisas para a preparação da aula. Naquela época, nem se falava de uma maneira elaborada sobre o planejamento, o que fazia com que, muitas vezes, o professor desse aula sem planejar, sem aquela coisa engessada. **O professor tinha o conhecimento, a habilidade do conteúdo, chegava e trabalhava.** Ele sabia como era a sequência, a ementa curricular, chegava e dava a sua aula de acordo com aquele conteúdo. (p. 65)

Para concluir o primeiro grau, na época, precisei fazer admissão, que é estudar um livro e depois fazer uma prova. Se você não passasse naquele exame você não conseguia prosseguir. Eu gostava muito de estudar, o estudo era muito bom, **o conteúdo era bem diferente do que tem na escola de hoje: era tabuada, verbos, mapas.** Eu gostei muito da minha infância, apesar da pobreza. (p. 87)

Das falas apresentadas acima, podemos elencar alguns aspectos que parecem estar ali presentes e que nos ajudam a problematizar concepções sobre escola. A primeira delas pode ser descrita como uma visão romântica sobre o passado, que coloca o que veio antes sempre como melhor.

Há ainda falas que trazem modos de se conceber o cotidiano escolar hoje,

Nós viemos de Corumbá em 1989 e, em 1992, meu pai virou diretor da Escola Estadual Carlos Drummond de Andrade. Ele já tinha sido diretor adjunto em outra escola e estava sempre vinculado à parte de administração escolar. Ele não era muito metódico, nem burocrata, mas era administrador de conflitos. **Você sabe como é escola? Escola é conflito diário**, todos gostavam de conversar com ele. (p. 68)

Já chegamos ao ponto de organizar professores, direção da escola e coordenador, antes do início do ano letivo, e fazer mutirão de visitas na comunidade pra chamar os alunos pra estudar na EJA. Isso para mim é aproximar a escola da realidade do aluno. **A escola é uma instituição viva, que está ali aceitando sugestões, mas também com importância fundamental, não só no crescimento, mas na organização da sociedade.** A gente precisa ter essa parte social desenvolvida e mostrar pra população que ela só tem a perder se não tiver escola, informação, educação e conhecimento. A sociedade perde com tudo isso.(p.78)

Seja como conflito diário, seja como instituição viva as falas anteriores se referem a escola como algo em movimento, que se produz no cotidiano. Não existe o a priori, ela se constitui juntamente a comunidade que a compõe. Por último, há excertos que idolatram a escola e a localizam como lugar privilegiado para a aquisição de conhecimento.

Eu entrei na escola em uma turma mais adiantada do que eu, digo 'a anos-luz de mim' em relação ao meu aprendizado escolar, e diante disso, eu chorava muito na escola, porque eu não queria ficar naquele ambiente escolar, **eu era 'bicho do mato'**. **Fui alfabetizada aos oito anos e até esta idade eu não sabia nem ler e nem escrever**, digo que meus professores tiveram muita paciência comigo. (p. 105)

Além de casos que a gente sabe, de alunos que chegam cansados em casa, que trabalham o dia inteiro e acabam desistindo, desestimulados de vir para a escola, **achando que a escola não vai dar futuro. Eles acabam desistindo do próprio futuro. Tem pessoas que já abriram mão do futuro**, abriram mão de ter um sonho. Infelizmente é verdade, parece que abriram mão de ter sonho. (p. 127)

Precisamos buscar a melhor maneira de fazer o nosso trabalho e buscar uma melhor maneira para que o aluno aprenda a partir do cotidiano dele. Às vezes, falta para o aluno a interação e a compreensão de que ele faz parte da sociedade e que suas ações terão impacto na vida do outro. **Nós temos alunos e professores alienados, infelizmente, muitos ainda são alienados. E eu acho**

que a nossa função e a função da escola é acabar com isso.
(p.128)

A educação precisa provocar o interesse do aluno pela disciplina. Ele não precisa aprender por aprender, ele tem que saber que tem que aprender porque aquilo vai fazer bem pra ele, aquilo vai abrir novas portas e conhecimentos. **A educação vai abrir a cabeça dele para a vida.** E tem professor que precisava disso também, infelizmente. Têm pessoas que não conseguem compreender isso e ainda tratam a escola como uma educação mecânica. (p.129)

E eu não vejo a escola assim, eu vejo como algo com potencial para crescer, por mais que seja EJA. Eu fiquei muito orgulhoso da minha turma ano passado, porque cinco deles ingressaram na Universidade. (p. 137)

A escola como promessa de futuro, escola com o poder de retirar os estudantes da alienação, como algo que tem o poder de “abrir” a cabeça dos estudantes. Em qualquer uma dessas acepções, a escola é apresentada como a solução e único caminho para a aquisição de conhecimento, mesmo sendo esses indivíduos - e talvez até mesmo por isso – tendo sido expulsos ou obrigados a abandoná-la em algum momento da vida.

Retomadas

Neste texto buscamos discutir os movimentos, a partir da produção de narrativas orais de professores de matemática, que nos permitem lançar outros olhares para escola. Esses olhares, no entanto, pouco se aproximam da teoria que trouxemos no início do texto. Ao contrário, a escola enquanto um aparelho disciplinar parece não existir. Mas existe a escola viva, com conflitos, que tem se modificado ao longo do tempo. Existe a escola que tem o papel de ampliar os horizontes dos que a frequentam, que garante o futuro além de retirar os estudantes de um padrão de alienação. Essas últimas partes parecem ser palavras ditas de forma hipotética, palavras que anunciam uma função desejada, mas nem sempre alcançada.

Reis (2020) em seu trabalho nos chama a atenção para o cotidiano escolar a partir de uma perspectiva semelhante a que chegamos ao final desse ensaio, a de que a escolha dos livros didáticos, os planejamentos e as formações em nada se parece com a vida que ali acontece. As teorias e pesquisa que sempre parecem ter

algo a dizer a respeito da escola nem sempre estão presentes no cotidiano. Apostamos no uso de narrativas para nos aproximarmos dos modos de se viver a docência. Modos de se constituir enquanto professor. Modos de se entender essa instituição que tem sido a base de nossas formações e de nossas pesquisas.

REFERÊNCIAS

CERTEAU, M. A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer. Petrópolis: Vozes, 2005.

DANIEL, L. O. Múltiplos Cenários Da Educação De Jovens E Adultos Em Mato Grosso Do Sul A Partir De Narrativas De Professores De Matemática 369 f. Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2022.

DUSSEL, I. CARUSO, M. A invenção da sala de aula: uma genealogia das formas de ensinar. São Paulo: Moderna, 2003.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. 42ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. 8 a reimp. 2020.

GARNICA, A.V.M.; SILVA, C.R.M. A História Oral Como Abordagem Metodológica Qualitativa Em Educação Matemática: Considerações A Partir Das Práticas De Um Grupo De Pesquisa. In: MARIA APARECIDA VIGGIANI BICUDO / ANTÔNIO PEDRO COSTA. (Org.). Leituras em pesquisa qualitativa. 1ed.São Paulo: Livraria da Física, 2019, v. 1, p.145-160.

LARROSA, J. Tremores: escritos sobre experiência. São Paulo, Autêntica, 2020.

LAVAL, C. A escola não é uma empresa: o neoliberalismo em ataque ao ensino público / Christian Laval ; tradução Mariana Echalar. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2019.

MIORIN, M. A. Introdução à história da educação matemática. Author, Maria Ângela Miorim. Publisher, Atual Editora, 1998.

REIS, A. C. S. R. Morte e Vida Severina: auto de natal em Educação Matemática 163 f. Doutorado (Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática) – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2020.